

Atitudes Sociais dos Portugueses

1 O Estudo das atitudes sociais dos portugueses numa perspectiva comparativa internacional

Com o lançamento do Inquérito Permanente às Atitudes Sociais dos Portugueses, integrado no International Social Survey Programme (ISSP), e conduzido pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS), os cientistas sociais portugueses passaram a dispor de um instrumento internacional de recolha de dados que possibilita a comparação sistemática dos resultados nacionais com os de outros países. Apresentamos agora, os resultados do 2º Inquérito que incidiu sobre as atitudes e práticas religiosas dos portugueses.

2 Nota de apresentação

O estudo da *religiosidade* mostra-se cada vez mais relevante na análise da evolução da modernidade. Aliás, os parâmetros definidores das crenças e filiações religiosas estão em mudança, traduzindo, provavelmente, uma crescente individualização e subjectivação do sentimento religioso, embora variável de acordo com os diferentes contextos e tradições.

De facto, embora nem toda a crença seja religiosa – da mesma forma que nem toda a tradição é de natureza religiosa – o certo é que a religiosidade se expressa através de particulares formas de crença que se legitimam por referência a uma tradição. Será, então, que os níveis de secularização que atingiram a sociedade portuguesa implicaram um amortecimento da religião

como elemento divisor ou polarizador das atitudes e valores sociais dos Portugueses?

Assim sendo, é no sentido de responder a estas e outras perguntas acerca da religiosidade em Portugal que agora se apresentam a público os dados do Inquérito ISSP, realizado em 1998, às atitudes perante a religião. Os dados agora divulgados permitem-nos estudar como a religião influi nos comportamentos e atitudes dos Portugueses, através da objectivação do fenómeno religioso, isto é, pondo em evidência os seus valores, simbolismos, crenças e ritos. Por outro lado, também é possível analisar as formas de expressão da religiosidade em diferentes segmentos da população portuguesa, avaliando que variáveis (idade, sexo, estado civil, grau de escolaridade, região, simpatias partidárias, etc.) se correlacionam com determinadas filiações e atitudes perante a religião.

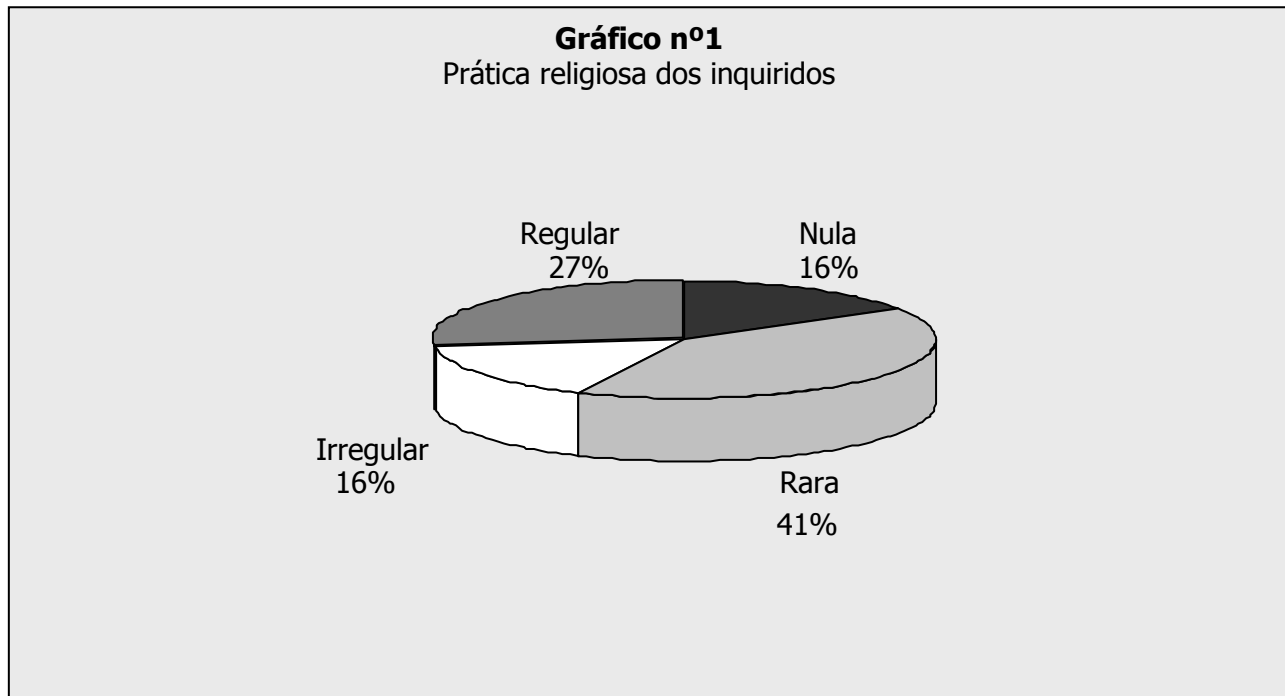
Os indicadores do inquérito convergem para dimensões analíticas habitualmente exploradas no âmbito da sociologia empírica da religião: as *crenças*, as *práticas*, o *conhecimento*, a *experiência* e a *pertença*. No entanto, o inquérito realizado não se limitou a explorar indicadores típicos da *religiosidade oficial*. Temos, também, indicadores reveladores de *crenças populares*, *ascendências* e *socializações religiosas*, *representações* e *atitudes em relação aos desempenhos da Igreja* e ao papel da religião. Recensearam-se, ainda, indicadores de *atitudes de vida*, *éticas* e *moralidades* que foram agrupados nas seguintes dimensões analíticas: sentimentos de felicidade e satisfação; confiança nos outros e nas instituições; trabalho voluntário; justiça social;

representações do futuro individual e colectivo; sexualidade e vida familiar; e bioética (aborto, eutanásia, reprodução artificial).

Deste modo, os indicadores da base de dados convergem para dois grandes agregados: um reunindo indicadores de dimensões de natureza manifestamente religiosa; outro abarcando indicadores que, não sendo de natureza religiosa, nos podem ajudar a compreender melhor a religiosidade dos Portugueses. De facto, qualquer religião está intimamente associada a um sistema de crenças referido não apenas ao *sagrado* mas à vida em geral. Por consequência, aquilo que as correlações estatísticas entre indicadores de diferente natureza poderão indiciar é em que medida as filiações religiosas se associam a determinadas visões do mundo, a determinadas atitudes perante a vida e a sociedade, ao próprio futuro individual e colectivo.

Será também interessante explorar a constelação de factores que faz com que as Igrejas estejam perdendo o monopólio da

definição das representações do sagrado, as quais se mostram, por isso mesmo, de modo plural, confuso e fragmentário. Com efeito, os dados reunidos apontam para o facto de a dimensão cognitiva das crenças religiosas entrar em conflito com os compromissos religiosos que mais tipificam, de um ponto de vista institucional, as manifestações de devoção. A sociedade portuguesa – modernizada como está, descentrada como é – já não se circunscreve a uma estrutura cerrada, legitimada pela tradição, estática em suas crenças, unificada numa consciência comum. Neste sentido, a religiosidade dos Portugueses já não representa uma reprodução hipostasiada do catolicismo mais tradicional, nem uma ressonância reificada daquilo que está social e religiosamente instituído, ou seja, o normativo, o doutrinal, o prescritivo. Finalmente, os dados compilados mostram que a religiosidade dos Portugueses é de natureza heterodoxa, sincrética e pessoal, muito embora sob o amplo chapéu de um catolicismo nominalmente unificante.



3 Atitudes e práticas religiosas dos portugueses

Como o Inquérito realizado em Portugal foi replicado em muitos outros países (europeus e não-europeus), a extensa base de dados reunida permite-nos compreender a especificidade da religiosidade dos portu-

gueses por contraste com a realidade religiosa de outros países.

3.1 Prática religiosa e atitudes sociais

Sem pretender com isso interpretar a experiência religiosa da população portuguesa considerou-se, no entanto, pertinente tomar uma medida corrente da prática religiosa – a frequência com que os inquiridos participam no acto religioso determinado pelas igrejas como obrigação semanal dos crentes, a missa dominical para a esmagadora maioria dos Portugueses – a fim de determinar de que forma as variações observadas ao nível dessa prática estão associadas ou não, na nossa sociedade, a um conjunto de atitudes sociais manifestadas pelos inquiridos.

Um brevíssimo cômputo aponta, de acordo com esta distribuição da curva da prática religiosa, para um sub-conjunto de 42,6% de Portugueses que declaram uma frequência regular ou irregular à missa em contraste com outro sub-conjunto de 57,4% de Portugueses que raramente ou nunca frequentam a igreja fora de actos sociais, como baptismos, casamentos e funerais. Note-se que os 27% de inquiridos que manifestaram uma prática religiosa regular correspondem de muito perto aos valores encontrados para os missalizantes nos últimos inquéritos realizado pela Igreja Católica. Podemos acrescentar que, do ponto de vista da composição demográfica e social da população portuguesa os factores mais fortemente associados à prática religiosa são, por esta ordem, a região de residência, a idade, o nível de escolaridade e o género. Isto significa que os inquiridos que declararam ter uma prática religiosa regular se recrutam,

maioritariamente, nas regiões Norte e Centro do país, entre as pessoas mais idosas e menos instruídas do sexo feminino. Esta conclusão previsível confirma, portanto, que as mulheres idosas e pouco instruídas do Norte continuam a ter um papel predominante na reprodução da prática religiosa tradicional.

No vasto conjunto de atitudes sociais testado, distingue-se a dimensão da moralidade e da sexualidade. Nesta dimensão a intensidade da prática religiosa revelou estar particularmente associada com a rejeição de atitudes perante a vida sexual e conjugal liberais. Com efeito, são os católicos praticantes (cerca de 25% da população inquirida) quem mais rejeita as relações sexuais fora (92%) e antes do casamento (50%), a homossexualidade (87%), as experiências pré-matrimoniais (50%) e as uniões de facto (42%). Finalmente, são também eles quem mais se opõe a toda e qualquer despenalização do aborto (56%).

Pelo seu lado, as atitudes perante a repartição de papéis entre marido e mulher face às responsabilidades de cada um em relação ao dinheiro e à família, dividem a sociedade portuguesa basicamente ao meio, de acordo também com a prática religiosa dos inquiridos entre “conservadores” e “liberais”. Quanto à questão de saber se “compete ao homem ganhar dinheiro e à mulher cuidar da casa e da família”, são os homens que se revelam menos liberais, concordando maioritariamente (51%) com aquela afirmação, ao contrário das mulheres que discordam a 56% (quadro 1). Em contrapartida tanto as mulheres como os homens concordam (53%) que “a vida familiar é prejudicada quando a mulher trabalha fora de casa a tempo inteiro”.

Quadro 1

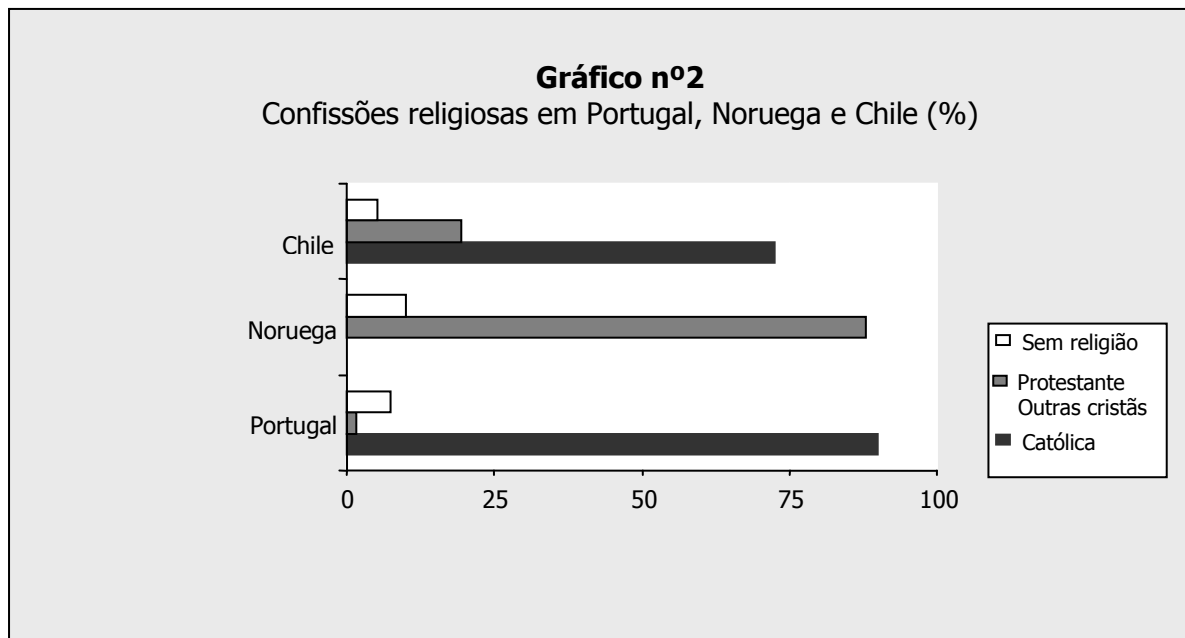
“Cabe ao homem ganhar dinheiro e à mulher tratar da casa e dos filhos”
segundo o género (%)

	Concorda totalmente	Concorda parcialmente	Não concorda nem discorda	Discorda parcialmente	Discorda totalmente	Média
Masculino	33.5	17.8	3.7	12.7	32.3	2,9
Feminino	21.3	14.1	8.9	13.3	42.4	3,4

3.2 Religião e cultura

Assim, por exemplo, é possível constatar que a identidade nacional dos portugueses continua a estar profundamente ligada a um universo cultural católico, do mesmo modo que a dos noruegueses se

encontra associada a um universo cultural protestante. Diferente é a situação do Chile, exemplificadora do fenómeno de protestantização da América Latina: apesar de 73% da sua população se declarar católica, as minorias evangélicas rondam os 20% (gráfico nº2).



O elevado nível de literacia da Noruega, deveras contrastante com o dos outros dois países, revela que o grau de escolaridade constitui um dos mais importantes factores de diferenciação cultural e religiosa. A análise do funcionamento desta variável sugere-nos ainda dois apontamentos. Primeiro, os respondentes sem religião são os que dispõem de maior peso relativo de diplomas ou de frequências do Ensino Superior: 35% em Portugal, 53% na Noruega e 29% no Chile. Segundo, o número elevado de analfabetos (15%) entre os católicos portugueses. Este constitui um dos traços que define um dos padrões do catolicismo português. Por regra, andam associadas baixa literacia, habitat rural, regiões norte e centro do país, actividade agrícola, idosos e prática religiosa elevada. Já no Chile é nítido o nível inferior de literacia dos protestantes quando comparados com os católicos. Tal fenómeno vem corroborar a hipótese de que o proselitismo dos evangélicos chilenos obtém sucesso junto das classes populares.

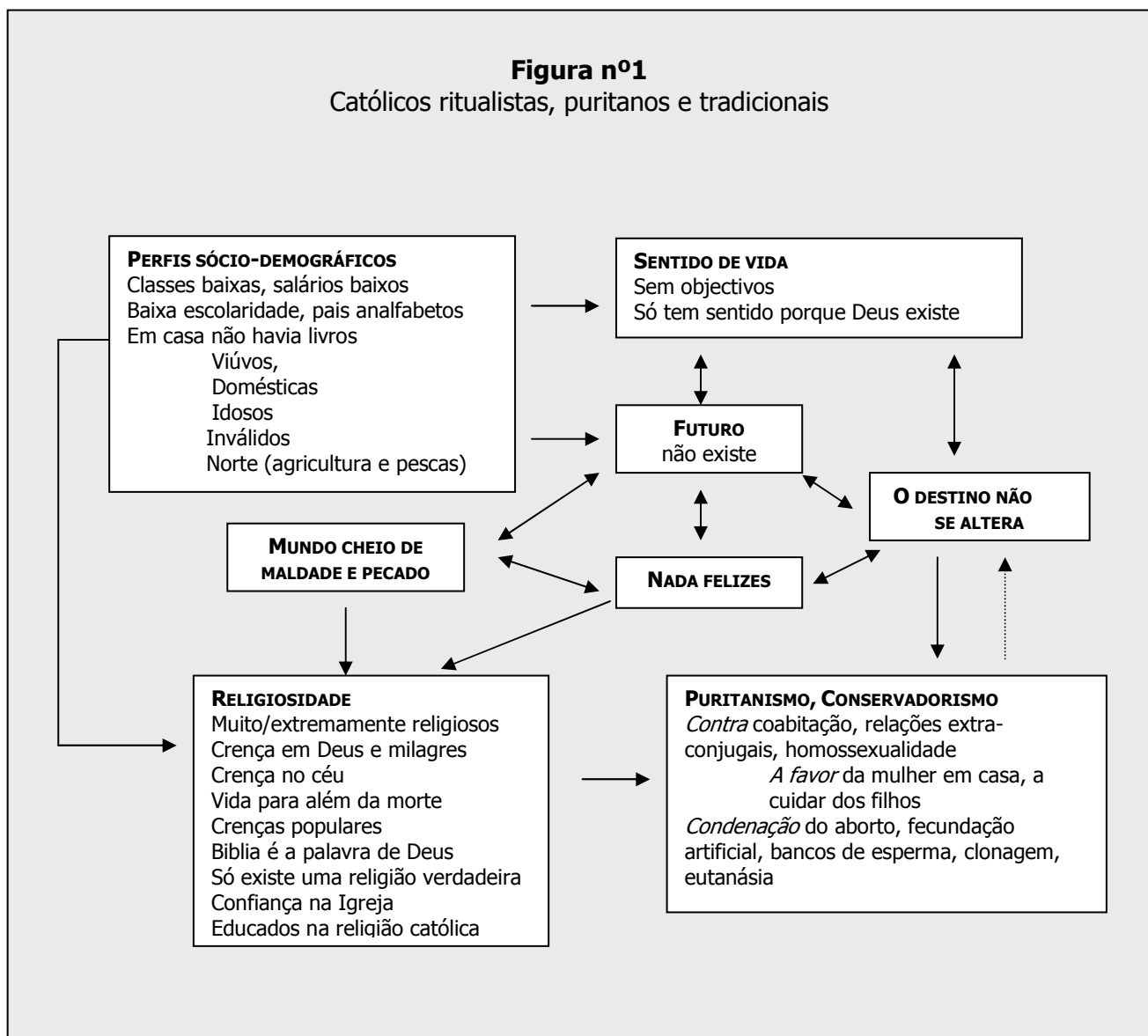
3.3 A religiosidade dos portugueses: uma tipologia

No caso português, contudo, os dados do Inquérito realizado sugerem que, sob uma aparente unidade, que se enraíza no catolicismo, a sociedade portuguesa manifesta-se religiosamente plural: não no sentido da existência de uma pluralidade de confissões – como vimos – mas no de a vivência do sagrado, em geral, e do catolicismo, em particular, se experimentar de múltiplas e diversas maneiras.

Um dos traços mais marcantes da religiosidade dos portugueses será, porventura, a clivagem entre *católicos ritualistas, puritanos e tradicionais*, por um lado e, por outro lado, *católicos nominais, individualistas e tolerantes*, clivagem que segmenta a população em duas partes estatisticamente equivalentes (43% e 46%, respectivamente). Entre os primeiros verifica-se uma dominância de padrões morais conservadores – sendo evidente o seu

puritanismo e tradicionalismo em questões relacionadas com a sexualidade, a vida familiar e a bioética (Figura nº1). Entre os segundos há uma clara renúncia a reconhecerem-se como católicos praticantes. A sua religiosidade, aliás, é de natureza fluida: as suas crenças são duvidosas e, por isso

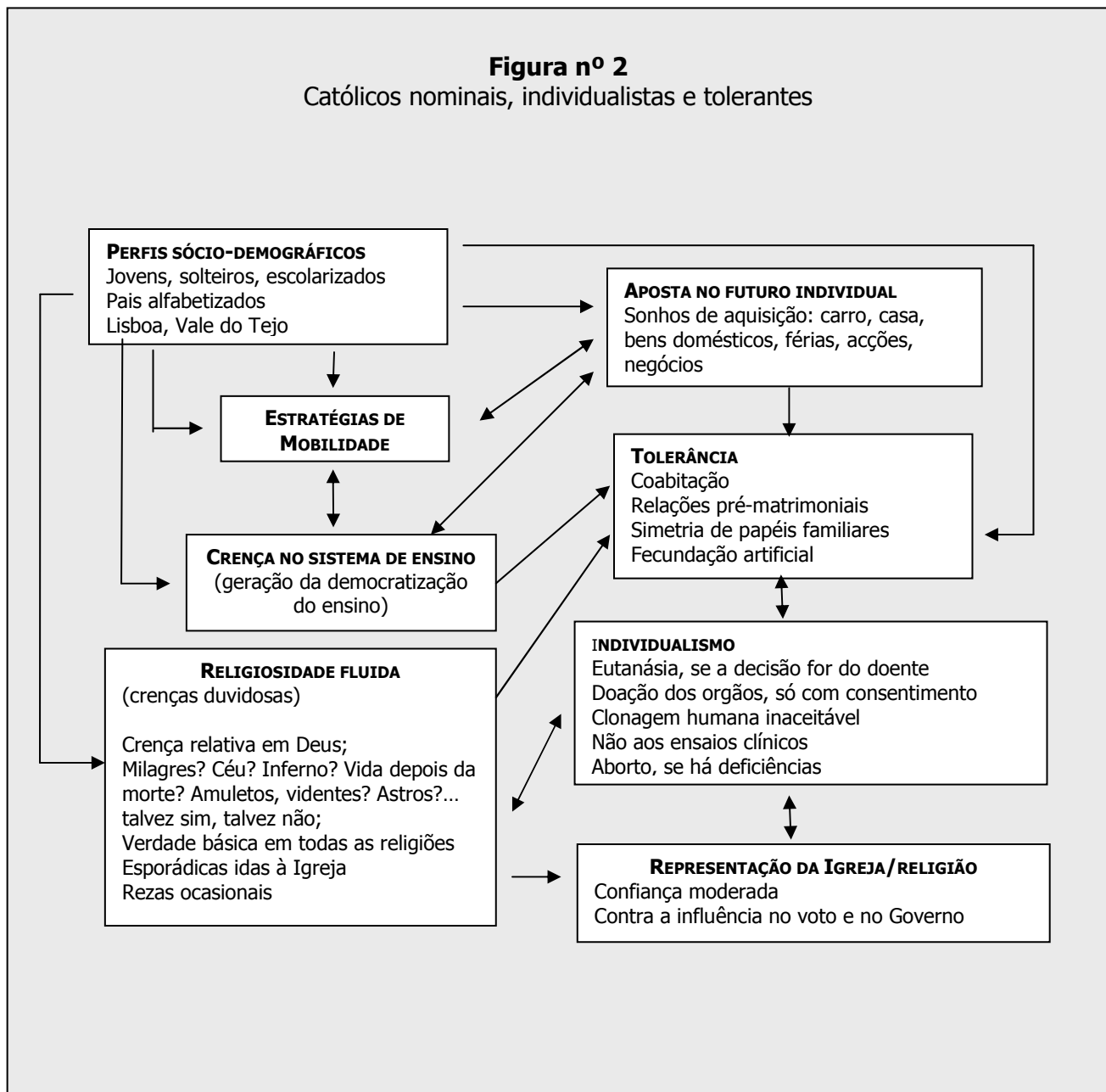
mesmo, acreditam que há uma verdade básica em todas as religiões; caracterizam-se por posições tolerantes e abertas, do ponto de vista das suas posições morais, em rota de relativa colisão com as orientações éticas que caracterizam o catolicismo tradicional (Figura nº 2).



Apesar de tudo, a natureza e amplitude destas fracturas mostram que o processo de secularização da sociedade portuguesa – descontando os *laicos, urbanos e elitistas*, com um peso residual (6%) (Figura nº3) – não se caracterizará tanto (ou apenas) por uma difusão da cultura laica quanto pela contracção da cultura católica, com contornos morais mais esbatidos. Na realidade, os católicos nominais não renunciam propriamente às suas raízes católicas, embora não sigam os seus preceitos doutrinários ou as suas práticas militantes.

O confronto da religiosidade dos portugueses com a dos inquiridos de outros países (Noruega, Estados Unidos da América e Holanda) permite-nos compreender melhor porque razão os católicos *ritualistas, puritanos e tradicionais* – entre os quais encontramos uma sobre-representação de idosos, domésticas e de inquiridos com baixas qualificações académicas – procuram dar sentido à vida através de Deus. É que dificilmente encontram meios para, na vida terrena, fugirem ao destino que lhes pesa, destino que pensam não poder mudar.

Figura nº 2
Católicos nominais, individualistas e tolerantes



Em contrapartida, entre as classes médias – que são, justamente, as classes sobre-representadas nos Estados Unidos, Noruega e Holanda e, em Portugal, predominantes entre *laicos* e *católicos nominais* – há o reconhecimento de que a vida, em si mesma, tem sentido e que pode ser colorida e mudada ao sabor das aspirações terrenas, das expectativas e apostas em relação ao futuro.

3.4 Religião e política

Numa outra dimensão problemática, procurou-se comparar os efeitos políticos da religiosidade em Portugal, com o que se passa

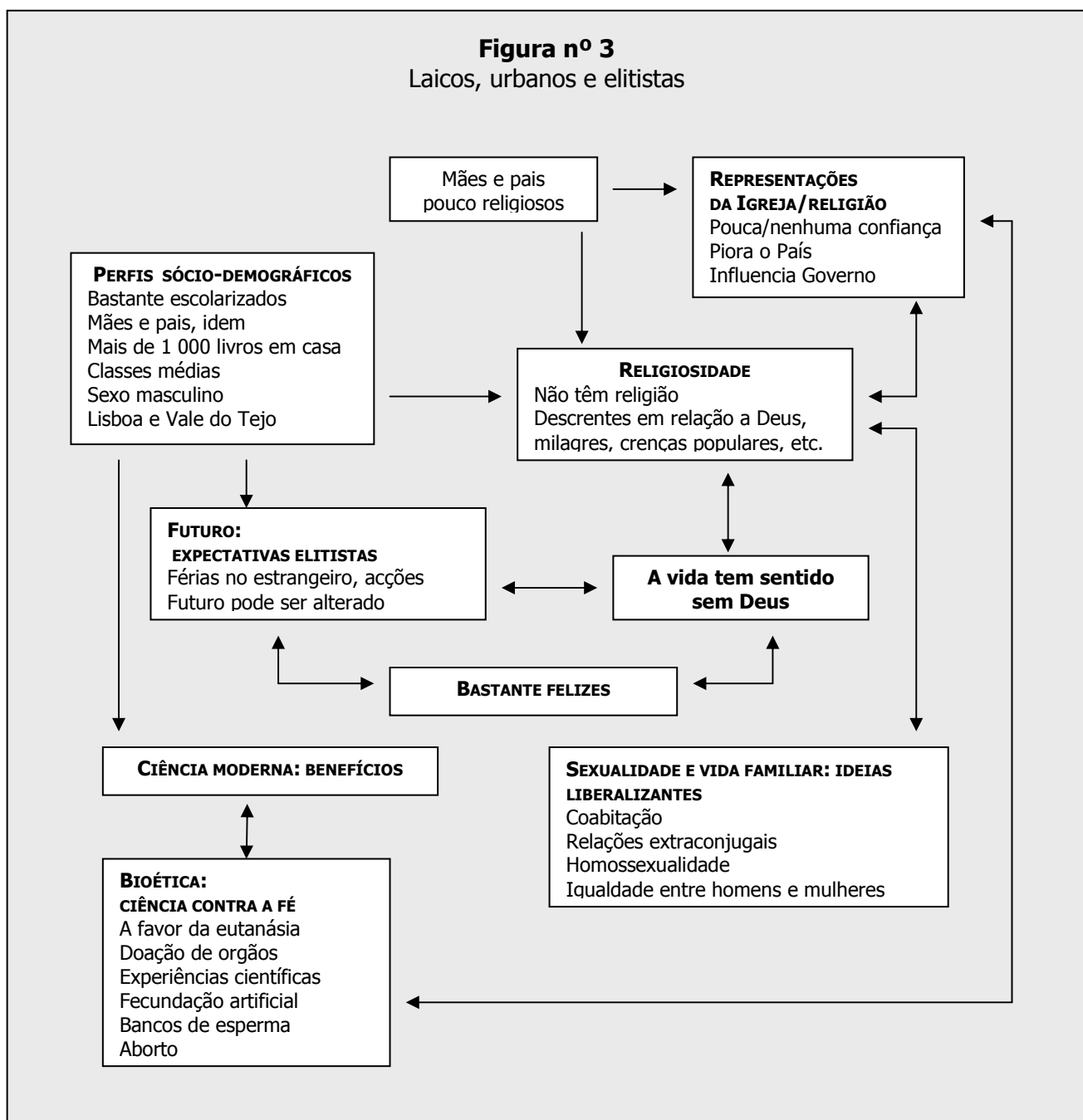
num outro país católico (Irlanda) e num país protestante (Noruega).

Verificou-se que, em Portugal, os indicadores da estrutura de clivagens com maior relevo para explicar as preferências partidárias dos indivíduos foram, por ordem de importância, a “prática religiosa”, a “classe social subjectiva” e a “sindicalização”: maior prática religiosa e maior proximidade ao pólo do capital implicam uma maior propensão para simpatizar com os partidos de direita. Também na Irlanda, a variável com maior relevo para explicar as intenções de voto foi a “prática religiosa”; todavia, seguiram-se-lhe a zona de residência (rurais votam mais à direita), a “religiosidade subjectiva” e só

depois vem a "classe social subjectiva": maior religiosidade e maior proximidade ao pólo do capital implicam maior propensão para votar à direita. Na Noruega, os sistemas de valores políticos revelaram-se os melhores preditores dos alinhamentos dos eleitores: quem favorece maior intervenção do governo na igualização dos rendimentos tende a votar mais à esquerda, independentemente da respectiva posição no sistema de clivagens. Note-se que, quer em Portugal quer na Irlanda, os valores políticos não revelaram qualquer impacto independente face ao posicionamento na estrutura de clivagens. Na Noruega, aos valores políticos referidos seguem-se, por ordem de importância, a

"escolaridade", a "classe social subjectiva" e a "religiosidade subjectiva". Destas análises ressaltou que a "velha política", baseada na posição dos eleitores na estrutura social, tem muito maior relevo nos dois países católicos, ao contrário do que se verificou na Noruega, onde é a "nova política", baseada nas orientações valorativas, que tem maior relevo. Face às outras dimensões de clivagem, verificou-se que a religião tem a maior importância nos dois países católicos, enquanto que na Noruega a principal influência nos alinhamentos dos eleitores são os valores políticos e a posição na estrutura de classes.

Figura nº 3
Laicos, urbanos e elitistas



ASP

Atitudes Sociais dos Portugueses

Coordenação Geral

Manuel Villaverde Cabral
Jorge Vala

Coordenação ASP98

José Machado Pais

Colaboradores em 1998

Manuel Villaverde Cabral
André Freire
José Luís Garcia
José Machado Pais
Helena Vilaça

Secretariado Científico

Alice Ramos
André Freire

Patrocínios

Praxis XXI
Caixa Geral de Depósitos
Fundação Calouste Gulbenkian
Fundação para a Ciência e Tecnologia

Apoio

Fundação Luso-Americana
para o Desenvolvimento

PUBLICAÇÕES

Base de Dados

Atitudes Sociais dos Portugueses

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Ed. ISCTE, Ala Sul, 1º - 1600 Lisboa

Tel: 21 7995000

Fax: 21 7964953

E-mail: alice.ramos@ics.ul.pt; andre.freire@iscte.pt
